

# POR ONDE ANDA O ONDE? UM ESTUDO DE PERCEPÇÃO SOBRE A POLIFUNCIONALIDADE DO CONECTOR ONDE

Jéssica da S. Correa<sup>1</sup>

Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho investiga a avaliação de falantes do português brasileiro (PB) acerca de diferentes usos do conector *onde*, especialmente em contextos nos quais a norma padrão prescreveria o uso da forma canônica *em que*. A análise ancora-se em pressupostos funcionalistas, sobretudo na concepção de que a gramática emerge do uso, é sensível às pressões comunicativas e se organiza de modo gradual. Tal perspectiva permite observar a ampliação funcional de formas linguísticas em contextos reais de interação, tal como discutido em estudos anteriores sobre o *onde* (Silva, 2008 *apud* Corrêa, 2025). Esses pressupostos articulam-se à perspectiva da Sociolinguística Variacionista (Weinreich, Labov e Herzog, 2006), sobretudo no que se refere ao papel da avaliação social nos processos de mudança linguística. Parte-se da hipótese de que uma avaliação positiva, ou não negativa, do uso de *onde* como pronome relativo pode intensificar sua frequência de uso, favorecer sua generalização e, consequentemente, impulsionar sua expansão funcional no sistema linguístico. Para testar essa hipótese, foi realizado um experimento de avaliação com 46 participantes, que julgaram sentenças contendo usos canônicos e não canônicos de *onde*. Os resultados indicam que os falantes tendem a atribuir avaliações positivas aos usos não canônicos do conector, sugerindo um enfraquecimento do controle normativo sobre essas construções. Tais achados reforçam a ideia de que a avaliação favorável

---

1   Doutoranda em Linguística e pesquisadora do PEUL/UFRJ.

2   Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

dos falantes atua como fator relevante no avanço do processo de gramaticalização de *onde*.

**PALAVRAS-CHAVE:** *onde*; avaliação linguística; sociolinguística variacionista; funcionalismo; gramaticalização.

## Introdução

Segundo Cunha, Costa e Cezario (2015, p. 45), “a gramaticalização é interpretada como um processo diacrônico e um contínuo sincrônico que atinge tanto as formas que vão do léxico para a gramática quanto às formas que mudam no interior da gramática”. Isso significa que a gramaticalização focaliza a evolução de elementos linguísticos do vocabulário para a gramática, bem como a transição de categorias menos gramaticais para categorias mais gramaticais. Esse conceito já foi amplamente utilizado com relação a *onde*, mostrando que o conector vem assumindo diferentes funções para além daquelas prescritas pela tradição gramatical, como de pronome relativo abstrato e conector (Silva, 2008 *apud* Corrêa, 2025; Melo; Corrêa, 2026; Xavier da Silva, 2011 *apud* Corrêa, 2025). Diversos estudos já foram realizados sobre o processo de gramaticalização de *onde*, os quais revelam que, tanto diacrônica quanto sincronicamente, o conector *onde* vem assumindo diferentes funções, como citado anteriormente. Os exemplos a seguir, respectivamente, retirados dos *corpora G1* e *Em Pauta* (Corrêa, 2025, p. 15), ilustram novas funções assumidas pelo conector *onde* (pronome relativo abstrato e conector textual, respectivamente):

- (1) ... vai haver essas oscilações pontuais, como essa agora, onde parece que está havendo subida positiva da economia brasileira.
- (2) Encontramos muito disso em pessoas com empregos de escritório, onde as costas são constantemente colocadas em uma posição comprimida, o que causa muito mais problemas mais tarde na vida.

Partindo dessa constatação empírica, formula-se a hipótese de que uma avaliação social positiva das funções inovadoras do conector *onde* possa estar impulsionando seu processo de gramaticalização. Em outras palavras, argumentamos que esses usos inovadores, por serem mais bem avaliados por falantes com maior escolaridade, estejam sendo cada vez mais usados por esses falantes em gêneros textuais nos quais esses usos não seriam esperados, tais como aqueles caracterizados por maior grau de formalidade e monitoramento. Com o objetivo de investigar como falantes escolarizados da variedade carioca do português brasileiro avaliam a polifuncionalidade desse conector, desenvolveu-se um experimento de percepção ancorado nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, considerando que os falantes atribuem significados sociais às formas linguísticas. Assim, a associação de *onde* – tradicionalmente reconhecido como pronome relativo – a usos inovadores socialmente prestigiados pode favorecer sua expansão funcional e contribuir para sua generalização em contextos mais monitorados de fala e escrita.

Nesse sentido, este artigo analisa a avaliação do conector *onde* em contextos formais de escrita por meio da metodologia *matched guise* (Lambert *et al.*, 1960 *apud* Homes, 2013), buscando compreender de que maneira os julgamentos sociais dos falantes incidem sobre um processo de mudança linguística em curso. À luz da Sociolinguística Variacionista, a ampliação de *onde* para contextos não espaciais é interpretada como um caso de gramaticalização em expansão, no qual fatores sociais como escolaridade e grau de formalidade do contexto comunicativo atuam como condicionadores da aceitação ou rejeição dos usos inovadores. Desse modo, ao investigar a avaliação sociolinguística de *onde*, busca-se compreender como valores sociais atribuídos a formas linguísticas podem contribuir para a consolidação, a difusão ou a contenção de sua expansão funcional, evidenciando o papel das atitudes linguísticas na trajetória da gramaticalização.

Assim, o presente artigo está organizado de modo que a primeira seção tenha a fundamentação teórica, explicando o conceito de avaliação bem como a relação com o conector *onde*; a segunda seção contará com a metodologia do experimento; a terceira apresentará os resultados e análises; e, por último, haverá uma seção para as considerações finais.

## Fundamentação teórica

Esta seção apresenta os fundamentos teóricos que orientam as análises desenvolvidas neste estudo, ancoradas em uma perspectiva sociofuncionalista da linguagem. Partindo de uma concepção dinâmica da língua, entendida como um sistema em constante construção com base no uso, articulam-se contribuições do Funcionalismo Clássico e da Sociolinguística Variacionista, considerando, de forma integrada, os processos de variação, mudança e avaliação linguística. Esse enquadramento teórico permite compreender a gramática como emergente do discurso e sensível às pressões cognitivas, pragmáticas e sociais, bem como analisar a variação como parte constitutiva do sistema linguístico. Ao conjugar esses aportes, busca-se oferecer um arcabouço teórico para a investigação do conector *onde*, contemplando simultaneamente sua ampliação funcional, a qual se reflete em sua distribuição em diferentes contextos de uso e nos valores sociais associados a seus distintos empregos.

A abordagem funcionalista parte do pressuposto de que a língua deve ser analisada por meio de seu funcionamento em contextos reais de uso, considerando as necessidades comunicativas dos falantes e os fatores semânticos, pragmáticos, discursivos e cognitivos que orientam a organização linguística. Nessa perspectiva, a gramática não é compreendida como um sistema autônomo e fechado, mas como um conjunto de regularidades moldadas pela interação social e pelo uso recorrente. Assim, as formas linguísticas são descritas apenas por suas propriedades

estruturais, bem como pelas funções que desempenham no discurso e pelos contextos em que são mobilizadas pelos falantes, uma vez que o funcionalismo concebe “a linguagem como um instrumento de interação social” e busca “no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua” (Cunha, 2016, p. 170).

Esse modo de compreender a língua é especialmente produtivo para a análise do conector *onde*, uma vez que permite observar sua atuação para além do valor locativo previsto pelas gramáticas tradicionais. Embora *onde* seja tradicionalmente descrito como um elemento associado à noção de lugar físico, diversos estudos revelam que esse conector pode ocorrer em contextos nos quais retoma referentes abstratos, situações, processos ou mesmo porções mais amplas do discurso (Silva, 2008).

Nesse sentido, a gramaticalização é compreendida como um processo central para a explicação da mudança linguística. Tradicionalmente definida como a passagem de itens lexicais para funções gramaticais ou de categorias menos gramaticais para mais gramaticais (Cunha, 2016), a gramaticalização deixa de ser entendida apenas como um fenômeno estritamente diacrônico e passa a ser analisada também em termos sincrônicos, como um contínuo ativo no sistema linguístico. Essa abordagem pancrônica permite compreender a gramaticalização como um processo em curso, no qual mudanças iniciadas historicamente continuaram a operar no uso contemporâneo da língua (Cunha, 2016).

Com base em uma perspectiva funcionalista, portanto, a ampliação dos usos de *onde* pode ser interpretada como resultado de pressões comunicativas e de processos de reorganização funcional no sistema linguístico. A gramática, nesse quadro, emerge do discurso e se estabiliza por meio da recorrência de determinados padrões de uso, apresentando, então, uma gradualidade nesse processo. Assim, a noção de gradualidade torna-se central para a análise. Em vez de considerar os usos de *onde* como categorias estanques, é possível compreendê-los em um *continuum* funcional, que abrange desde usos mais prototipicamente locativos, como

*onde* adverbial e *onde* relativo concreto, até usos mais abstratos, como *onde* relativo abstrato e *onde* conector textual. Essa organização permite descrever o conector em sua dinamicidade, evidenciando que seus diferentes empregos não constituem necessariamente rupturas isoladas em relação ao sistema, mas pontos de uma trajetória de expansão funcional.

É nesse quadro teórico que se insere a análise do conector *onde*. Originalmente associado a valores locativos concretos, *onde* passa a ser empregado em contextos mais abstratos, assumindo funções discursivas ampliadas. Tal expansão funcional pode ser interpretada como resultado de um processo de gramaticalização, no qual o item se afasta progressivamente de seu valor lexical prototípico e se aproxima de funções mais gramaticais.

Se uma abordagem funcionalista contribui para explicar a ampliação funcional de *onde* e sua trajetória de gramaticalização, faz-se necessário considerar também como esses usos se distribuem, como são avaliados e quais fatores linguísticos e extralinguísticos podem condicionar sua ocorrência. Ao se considerar que o falante recorre a informações de diferentes naturezas para se comunicar, entende-se que as avaliações que os falantes fazem de determinadas formas linguísticas também sejam fundamentais para que essas formas assumam novos significados em contextos específicos (Bybee, 2016, p. 58).

Assim, para esse estudo, conforme explicitado anteriormente, lançaremos mão também dos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, que fornece os instrumentos teóricos e metodológicos necessários para compreender como mudanças linguísticas se distribuem socialmente e como são avaliadas pelos falantes. Isso porque uma das funções da presente pesquisa é associar o conceito de gramática, defendida pelo Funcionalismo, à relação entre língua e sociedade, estabelecida pela Sociolinguística Variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 2006), segundo a qual a variação é parte constitutiva do sistema linguístico e obedece a

padrões sistemáticos condicionados por fatores linguísticos, sociais e cognitivos (Labov, 1994, 2001 e 2010).

Entre os cinco problemas fundamentais propostos por esses autores (restrição, encaixamento, transição, implementação e avaliação), destaca-se o problema da avaliação, que trata dos valores sociais atribuídos às variantes linguísticas. As variantes não são socialmente neutras: elas carregam significados sociais associados a prestígio, estigma, formalidade ou solidariedade, influenciando tanto o comportamento linguístico dos falantes quanto a trajetória das mudanças linguísticas. Os estudos clássicos de Labov (2008 [1972]), como os realizados em Martha's Vineyard e nas lojas de departamento de Nova Iorque, demonstram como variantes linguísticas podem funcionar como marcadores identitários e indicadores de *status* social. Esses trabalhos evidenciam que as escolhas linguísticas são sensíveis a fatores como pertencimento comunitário, mobilidade social e grau de monitoramento da fala, reforçando a centralidade da avaliação social na compreensão da variação e da mudança.

Diversos estudos têm evidenciado uma associação sistemática entre as variantes linguísticas produzidas e as avaliações feitas pelos próprios falantes (Lambert, 1960; Campbell-Kibler, 2010; Labov, 2008, 2011; Oushiro, 2015). Nesse sentido, Labov (2006, p. 265) observa que, em contextos formais, os falantes nova-iorquinos tendem a empregar com maior frequência as variantes típicas das classes sociais mais elevadas. Em contrapartida, variantes de menor prestígio costumam ser socialmente indexadas a grupos estigmatizados, frequentemente associados a menor escolarização ou a posições socioeconômicas menos favorecidas. Como aponta Votre (2010, p. 52), formas de comunicação vinculadas a indivíduos sem prestígio econômico e social tendem a ser avaliadas coletivamente como estigmatizadas. Além disso, ultrapassando a dicotomia entre prestígio e estigma, Oushiro (2015, p. 318) ressalta que variedades associadas a grupos menos privilegiados podem ser percebidas

negativamente em termos de *status*, mas, ao mesmo tempo, valorizadas por atributos relacionados à solidariedade.

É nesse quadro teórico que se também insere a presente pesquisa. Ao focalizar o conector *onde*, busca-se investigar como seus usos inovadores são avaliados por falantes com elevada escolaridade e inseridos em contextos de elevado monitoramento linguístico e formalidade. Assim, uma avaliação positiva de novos usos de *onde* por um grupo social prestigiado pode contribuir para a compreensão acerca do avanço mais acelerado de um processo de gramaticalização deste conector. Ao articular Funcionalismo, gramaticalização e Sociolinguística Variacionista, este estudo oferece um arcabouço teórico para compreender as interações entre estrutura linguística, uso e julgamento social.

## Metodologia

A literatura sobre a gramaticalização do conector *onde* aponta que essa variação é atestada desde o latim e o português arcaico (Silva, 2008; Coelho, 2011 *apud* Corrêa, 2025), indicando que os usos não locativos não são recentes. Estudos mostram que tais usos, embora não previstos pelas gramáticas normativas, ocorrem na fala (Xavier da Silva, 2011 *apud* Corrêa, 2025) e na escrita (Manfili, 2011; Machado, 2017; Melo; Corrêa, 2026) do português, evidenciando uma mudança em curso. Considerando que *onde* passa por um processo de gramaticalização, um estudo sociofuncional com experimento de percepção apresenta-se como contribuição relevante para os estudos sobre *onde*.

Desse modo, para a realização desse experimento, foi utilizada a técnica dos “falsos pares” (*matched guise test*), desenvolvida por Lambert *et al.* (1960 *apud* Homes, 2013, p. 63). Esse método consiste em colocar os participantes de um experimento diante de dois conjuntos de possibilidades, as quais são produzidas por um mesmo falante que usa formas diferentes. A técnica

demonstra, em diversos estudos, ser boa para avaliar isoladamente o objeto desejado, pois permite demonstrar que diferentes variedades linguísticas impactam a avaliação dos sujeitos em diferentes situações.

Além disso, esta proposta parte das reflexões de Holmes (2013), que aponta que existem duas direções principais para experimentos de percepção em sociolinguística: uma examina como a variação linguística influencia quais informações sociais são atribuídas ao falante, e a outra investiga se os dados sociais sobre um falante podem influenciar como uma variável linguística é percebida. Para a presente pesquisa interessa a primeira direção, que é avaliada com base na técnica *matched-guise*, a qual é utilizada para o desenvolvimento do nosso experimento sobre o possível prestígio do conector *onde*. A realização do experimento foi devidamente aprovada pelo Comitê de Ética da UFRJ.

Portanto, por meio dessa técnica, foi realizado um experimento de percepção com sentenças que continham o conector *onde* em paralelo com o *em que*, para observar se *onde*, a despeito do que regem os manuais de prescrição da língua, tem os seus novos usos aceitos e, até mesmo, prestigiados pelos falantes, principalmente aqueles com grau de escolarização elevado (nível universitário). Assim, o experimento foi pensado de modo que o participante julgasse as sentenças como “adequada”, “pouco adequada” ou “inadequada” para uma candidata a um emprego de âncora de telejornal.

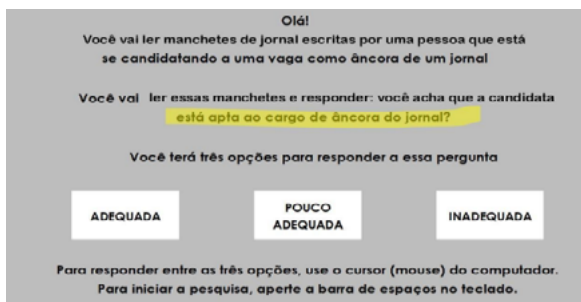
Para esse experimento cabe destacar que todos(as) os(as) 46 participantes eram estudantes universitários do primeiro ano de curso e eram alunos de Letras e/ou de Fonoaudiologia<sup>3</sup>. O experimento foi aplicado individualmente, na Faculdade de Letras da UFRJ, em uma sala isolada. Os estímulos foram apresentados, individualmente, aos participantes, por meio de um computador,

---

3 Os alunos de Fonoaudiologia participaram porque algumas aulas deste curso ocorrem no prédio da Faculdade de Letras (UFRJ).

e as sentenças foram expostas de forma aleatória no programa Psychopy<sup>4</sup>. Antes de iniciar o julgamento das sentenças, os(as) participantes eram introduzidos(as) ao contexto do experimento:

Figura 1 – Orientações iniciais para a realização do experimento



Fonte: elaboração própria.

Foram apresentadas para os participantes seis sentenças com *onde* como pronome relativo, mas com um antecedente como um espaço nocional, abstrato e seis sentenças com *(em) que* nas mesmas funções apresentadas para *onde*, como nos exemplos a seguir:

Figura 2 – Sentenças do experimento



Fonte: Elaboração própria

4 O PsychoPy consiste em um pacote de software de código aberto escrito na linguagem de programação Python, usado principalmente em pesquisas em neurociência e psicologia experimental (PIERCE ET AL., 2019 *apud* CORRÊA, 2025).

Esses participantes foram divididos em dois grupos com 23 pessoas cada um, sendo que cada grupo leu as mesmas sentenças do outro, mas com as variantes trocadas. Isto é, o grupo 1 leu as sentenças de 1 a 6 com *onde* e as sentenças de 7 a 12 com *em que*; o grupo 2 leu as sentenças de 1 a 6 com *em que* e as sentenças de 7 a 12 com *onde*. Desse modo, nenhum participante leu a mesma sentença com a mesma variante (*onde* e *em que*), mas foi exposto a sentenças com as duas variantes. Veja o exemplo a seguir com as sentenças que vimos anteriormente:

Figura 3 – Exemplo de apresentação de sentenças aos Grupos 1 e 2

### Grupo 1



### Grupo 2



Fonte: Elaboração própria.

Ademais, embora as variantes sejam distintas, como podemos perceber, as sentenças foram as mesmas para ambos os grupos, visto que, segundo Holmes (2013, p. 63), “todas as técnicas experimentais devem se esforçar para controlar tudo, exceto a variável de interesse”, isto é, com as sentenças similares, evitamos

qualquer perda de detalhes na análise. Além disso, entre as sentenças, também havia as distratoras - seis para cada grupo - para que os participantes não se concentrassem muito em suas respostas aos *tokens* de destino.

Dando continuidade, a tarefa do experimento consistiu em o participante julgar a aceitabilidade da candidata para um emprego como âncora de jornal: adequada (1), pouco adequada (2), inadequada (3). Dessa maneira, os ouvintes indicam as suas respostas numa escala, diferentemente dos experimentos com perguntas abertas. Esperava-se que as sentenças com *onde* fossem menos bem avaliadas do que as sentenças com *em que*, tendo em vista que os(as) participantes eram jovens universitários e que a tradição gramatical prevê o uso de *onde* como locativo. No entanto, na próxima seção, com os resultados e análises deste experimento, veremos que os resultados se distanciam do esperado tradicionalmente.

## Resultados e análises

Esta seção trata da análise dos resultados dos experimentos de avaliação do uso do conector *onde* como pronome relativo retomando um referente não físico. Como exposto na seção anterior, esse experimento buscou compreender se as opiniões, percepções ou julgamentos sobre essa variável são homogêneos entre os indivíduos que compartilham o mesmo contexto sociolinguístico. Esse tipo de análise permite identificar padrões que podem refletir fatores como normas linguísticas compartilhadas, influências culturais ou sociais, ou mesmo diferenças individuais no processamento ou interpretação linguística.

Desse modo, como sinalizado na seção anterior, o experimento foi apresentado por meio do *software* PsychoPy, assegurando a aleatoriedade e o controle das condições experimentais. A fim de verificar se havia associação entre as variáveis testadas,

foram realizados testes de qui-quadrado<sup>5</sup>. Assim, serão apresentados e discutidos os resultados do experimento de avaliação, cujo objetivo foi verificar a percepção e o prestígio dos novos usos do conector *onde* entre diferentes grupos de falantes. Desse modo, a distribuição das respostas dos participantes pode ser observada na tabela 1 a seguir:

Tabela 1 – Distribuição das respostas dos participantes

|                       | <b>em que</b> | <b>onde</b>  |
|-----------------------|---------------|--------------|
| <b>Adequada</b>       | 114 (41,30%)  | 125 (45,29%) |
| <b>Pouco adequada</b> | 103 (37,32%)  | 90 (32,61%)  |
| <b>Inadequada</b>     | 59 (21,38%)   | 61 (22,10%)  |
|                       | 276 (100%)    | 276 (100%)   |

Fonte: elaboração própria.

Conforme se depreende da leitura da Tabela 1, as respostas dos participantes se distribuem de maneira muito semelhante:

- houve uma maior concentração de associação entre as sentenças (estímulos) e resposta “adequada” para as duas variantes *onde* e *em que*: 114 (41,30%) e 125 (45,29%), respectivamente;

- na sequência, há uma menor associação entre as sentenças apresentadas e a resposta “pouco adequada”: 103 (37,32%) e 90 (32,61%), respectivamente para *onde* e *em que*;

- por fim, há uma associação ainda menor entre as sentenças e a resposta “inadequada” para as duas variantes: 59 (21,38%) e 61 (22,10%).

---

5 Um p-valor acima de 0,050 indica que há associação entre a resposta dos participantes e as variáveis testadas, razão pela qual os resultados obtidos são considerados como tendo significância estatística e, por isso, relevantes no entendimento da avaliação/percepção das variáveis sociolinguísticas em questão.

Conforme esperado e após análise da distribuição das respostas, a diferença entre a associação das respostas aos estímulos com as variantes não se mostrou significativa (p-valor: 0.4928). Certamente, isso se deve à distribuição muito semelhante das respostas, o que já chama a atenção para algo bastante revelador, já que se esperava que um grupo de falantes jovens e escolarizados avaliasse negativamente o uso de *onde* em contextos que, segundo a tradição gramatical, exigem o uso de *em que*. Estimava-se, assim, que falantes com maior escolaridade e familiaridade com prescrição gramatical – principalmente por serem estudantes de Letras – tendessem a associar *em que* como a uma fala “mais adequada” da candidata, tendo em vista que a tradição gramatical prescreve apenas a função locativa ao conector *onde*.

Na Tabela 1, observamos que a associação entre as sentenças com *onde* e o perfil “mais adequada” (125) supera a relação entre as sentenças e a variante *em que* (114). Logo, é possível inferir que falantes jovens e escolarizados, mesmo supostamente mais familiarizados com a tradição gramatical, demonstram uma tendência a aceitar o uso inovador de *onde* em contextos que, tradicionalmente, exigem *em que*. Esse comportamento pode indicar que o uso de *onde* retomando antecedentes [+abstratos] não só carrega um valor socialmente prestigiado, mas também reflete a influência de práticas linguísticas em ambientes de maior monitoramento. Os resultados evidenciam que a dinâmica sociolinguística - expressa, aqui, nos valores atribuídos ao uso inovador de *onde* - permite a incorporação de novos significados, os quais se expandem socialmente e contribuem para a gramaticalização de novas formas linguísticas.

Ao observarmos a distribuição das respostas por cada uma das sentenças, é possível notar que algumas sentenças com *onde* são mais associadas à resposta “adequada” do que sentenças com o conector *em que*:

Tabela 2 – Distribuição das respostas por sentenças do experimento

| SENTENÇA                                                                                                | VA-RIANTE | JULGAMENTO DOS PARTICIPANTES |        |             |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|------------------------------|--------|-------------|
|                                                                                                         |           | ADE-QUADO                    | POU-CO | INADE-QUADO |
| 1. Assista a palestras _____ são apresentadas novas tecnologias.                                        | onde      | 14                           | 6      | 3           |
|                                                                                                         | em que    | 8                            | 11     | 4           |
| 2. A PNAD continua é uma pesquisa do IBGE _____ são expostos dados de trabalho.                         | onde      | 10                           | 9      | 4           |
|                                                                                                         | em que    | 13                           | 7      | 3           |
| 3. Rio registrou mil acidentes com cobra, _____ 100 foram em menores de 10 anos.                        | onde      | 9                            | 6      | 8           |
|                                                                                                         | em que    | 8                            | 7      | 8           |
| 4. Abriu a inscrição para vagas _____ o critério é apenas a nota do Enem                                | onde      | 9                            | 8      | 6           |
|                                                                                                         | em que    | 8                            | 8      | 7           |
| 5. O ministro organizou um evento _____ ele discursou sobre educação.                                   | onde      | 11                           | 4      | 8           |
|                                                                                                         | em que    | 11                           | 8      | 4           |
| 6. Sorocaba apresentou 15 mil casos de dengue, _____ 100 são casos graves.                              | onde      | 14                           | 7      | 2           |
|                                                                                                         | em que    | 12                           | 9      | 2           |
| 7. A câmara aprovou a compra de vacinas em um cenário _____ não há vacinas no SUS.                      | onde      | 11                           | 11     | 1           |
|                                                                                                         | em que    | 13                           | 7      | 3           |
| 8. Está no ar o blog com foco no universo _____ a política encontra a economia no Governo e fora dele.  | onde      | 9                            | 8      | 6           |
|                                                                                                         | em que    | 9                            | 8      | 6           |
| 9. Nos documentos de Da Vinci há um parágrafo _____ ele diz que um objeto vai parar no centro da Terra. | onde      | 7                            | 8      | 8           |
|                                                                                                         | em que    | 8                            | 10     | 5           |
| 10. A demissão não está relacionada ao vídeo de 2022, _____ Júnior ensinou a torturar.                  | onde      | 11                           | 4      | 8           |
|                                                                                                         | em que    | 7                            | 9      | 7           |
| 11. Vigia relata que causou aflição ver imagens _____ servidor do GSI falou com extremistas.            | onde      | 11                           | 9      | 3           |
|                                                                                                         | em que    | 7                            | 12     | 4           |
| 12. Em um governo _____ não se pronuncia a palavra emprego, as pessoas esquecem que existe.             | onde      | 9                            | 10     | 4           |
|                                                                                                         | em que    | 10                           | 7      | 6           |

Fonte: Elaboração própria.

Como podemos ver na Tabela 2, seis sentenças (1, 3, 4, 6, 10 e 11), isto é, a metade das sentenças do experimento, apresentaram uma avaliação de adequação maior de *onde* se comparado ao *em*

que. Nesse sentido, percebemos que há aceitabilidade e prestígio do uso gramaticalizado daquele conector, levando em conta os moldes do experimento. Mas o que pode levar os participantes a julgarem adequadamente? Ao observarmos a primeira sentença, *Assista a palestras onde são apresentadas novas tecnologias*, podemos ainda interpretar um sentido locativo para o nome que *onde* retoma, visto que o evento “palestras” tende a acontecer em um lugar físico, o que poderia colaborar com essa percepção de adequação do conector *onde*.

Já nas sentenças 3 (*Rio registrou mil acidentes com cobra, onde 100 foram em menores de 10 anos*) e 6 (*Sorocaba apresentou 15 mil casos de dengue, onde 100 são casos graves*), por exemplo, podemos, talvez, considerar a presença de nomes de cidades como um fator influenciador. Ora, ainda que *onde* não esteja retomando tais cidades, a presença desse léxico locativo pode levar, inconscientemente, a considerar positivamente o uso de um conector locativo como *onde*. É possível ainda que a estrutura das sentenças 3 e 6 tenham confundido os participantes, levando-os a associar *onde* como a variante mais adequada. Para essas sentenças, talvez, o uso de “dentre os quais” ou “dos quais” garantiria maior coesão ao estímulo.

No entanto, se para essas sentenças pode haver uma relação entre as escolhas e uma função locativa de *onde* ou ainda um conector mais adequado dos que os dois testados, para as demais essa relação ou outras possibilidades ficam cada vez mais distantes. Nas sentenças 4, 10 e 11 a seguir, não há elementos locativos nem ambíguos anteriormente que possam justificar tais escolhas levando em consideração a tradição gramatical: na sentença 4, o pronome relativo retoma “vagas”; na sentença 10, o pronome relativo remete a “vídeo de 2022”; e na sentença 11, o pronome relativo faz referência ao termo “imagens”. Desse modo, é possível perceber que a abstratização de *onde* não somente é produzida como também avaliada positivamente por indivíduos com grau de instrução

elevado. Assim, como esperado nesse percurso, tal prestígio linguístico pode afetar a propagação de mudanças linguísticas.

Ademais, além da avaliação como “adequada” para usos de *onde*, chama-nos a atenção o julgamento como “inadequado” para algumas sentenças com *em que*. Como é possível observar, todas as sentenças com *em que* estão de acordo com a prescrição gramatical tradicional; logo, em princípio, não haveria motivos para que tais sentenças fossem avaliadas como inadequadas. No entanto, como podemos ver em cinco sentenças expostas na Tabela 2 (a saber: 1, 4, 7, 11 e 12), a avaliação como “inadequada” é mais associada ao *em que*. Ainda cabe ressaltar que, nas sentenças 1, 4 e 11, além de considerarem *em que* inadequado, o uso de *onde* é avaliado positivamente, o que nos aponta uma ampla aceitação de tal realização.

Já nas sentenças 7 e 12, apesar de ter prevalecido o julgamento de “adequado” para *em que*, esse mesmo conector também foi mais avaliado como “inadequado”. Isso pode ser justificado, porque, em contextos formais, se espera coesão e clareza e, por esse motivo, o uso de *em que* pode ter sido percebido como menos eficaz para conectar ideias de forma coesa. Além disso, o fato de *onde* ter sido menos inadequado que *em que* também pode estar associado à figura locativa (ainda que não física) a que *cenário* e *governo* remetem.

Cabe também comentar a avaliação de “pouco adequado” no que se refere às sentenças citadas até aqui. Ainda que o “pouco adequado” seja um meio-termo avaliativo, observá-lo também leva a algumas reflexões, principalmente no que diz respeito à gradatividade da mudança. Notamos que, dentre as seis sentenças nas quais *onde* foi julgado como “adequado”, *em que* foi considerado “pouco adequado” na maioria delas. Ademais, *em que* também foi avaliado como “pouco adequado” nos casos das sentenças nas quais esse mesmo conector foi avaliado como mais inadequado que *onde*. Portanto, isso demonstra que, além de *onde* ser bem aceito, *em que* causa certa estranheza ao falante, ou seja, o

falante pode entender que *onde* desempenha um papel adequado na sentença.

Por fim, no que se refere à avaliação do conector *onde* na função de pronome relativo que retoma antecedente [+abstrato], é possível observar o valor positivo atribuído a esse uso do conector entre falantes jovens e escolarizados. Isso, por sua vez, pode ser um indicativo de esse uso inovador do conector *onde* ser aceito entre falantes escolarizados, o que, conseqüentemente, pode ser assumido como uso prestigiado por falantes de outros grupos sociais, menos escolarizados e sem situações comunicativas que exijam maior formalidade. Como demonstrou Labov (2008 [1966]), em seu estudo sobre o (r) na comunidade de fala de Nova York, a variante retroflexa, amplamente utilizada por jovens da classe média alta, foi associada ao prestígio social e adotada por falantes de classes mais baixas, difundindo-se progressivamente e desencadeando um processo de mudança linguística. Pode ser que esse uso de *onde*, por ser considerado como “adequado” por falantes jovens e escolarizados, reflita um uso prestigiado e, assim, esteja se generalizando.

## Considerações finais

Vimos, neste artigo, que os resultados indicam a atribuição de prestígio ao conector *onde* em contextos não locativos, superando o uso prescrito pela tradição gramatical de formas equivalente à variante *em que*. Observou-se que sentenças contendo *onde* foram avaliadas como mais adequadas, especialmente por participantes com maior grau de escolaridade, o que sugere uma aceitação crescente dessa forma linguística. Tal julgamento positivo pode ser explicado por associações inconscientes com elementos de valor locativo. Em contraste, o conector *em que*, embora seja a variante prescrita pela tradição gramatical, apresentou índices mais elevados de avaliação negativa ou de estranhamento, indicando resistência ao uso de *em que* ou, pelo menos,

preferência pela outra variante (*onde*) em determinados contextos. Esses dados podem ajudar a explicar a expansão do conector *onde* para além das funções prescritas pela tradição gramatical, evidenciando sua polifuncionalidade e o avanço processo de mudança linguística em curso. Isso porque o prestígio atribuído ao *onde* pode influenciar sua propagação e consolidação como forma preferencial em detrimento de *em que*.

Com base nas análises aqui apresentadas, é possível que *onde* esteja sendo utilizado, ainda que com menor frequência, como pronome relativo abstrato e conector, principalmente, neste segundo caso, para substituir elementos mais complexos. Assim, é importante analisar os usos de *onde* em gêneros textuais que exigem maior formalidade e maior grau de monitoramento por parte dos falantes, além de dar continuidade ao experimento realizado para corroborar a hipótese de que o uso de *onde* está ocupando um lugar de prestígio entre os ouvintes de português brasileiro (PB), principalmente os que têm maior grau de escolaridade. Desse modo, para que seja possível esta continuidade, deve-se expandir os grupos de participantes do experimento, a fim de observar se os diferentes grupos avaliam o conector *onde* da mesma forma. Tal perspectiva é importante para saber, por exemplo, se os mais escolarizados atribuem algum prestígio ao *onde* em usos não canônicos e se os menos escolarizados também o avaliam positivamente, visto que, teoricamente, esses grupos são expostos em graus distintos a esses usos não canônicos.

Diante dessas considerações, esse estudo representa um primeiro passo para aliar dados experimentais de percepção sociolinguística à compreensão do processo de gramaticalização do conector *onde* já amplamente estudado no PB, contribuindo, assim, para um entendimento mais preciso do avanço da mudança linguística.

## Where is "where" heading? A perception study on the multifunctionality of the connector "where"

**ABSTRACT:** This study investigates how speakers of Brazilian Portuguese (BP) evaluate different uses of the connector *onde*, especially in contexts in which the standard norm would prescribe the use of the canonical form *em que*. The analysis is grounded in functionalist assumptions, particularly the view that grammar emerges from use, is sensitive to communicative pressures, and is organized gradually. This perspective makes it possible to observe the functional expansion of linguistic forms in real contexts of interaction, as discussed in previous studies on *onde* (Silva, 2008 as cited Corrêa, 2025). These assumptions are articulated with the perspective of Variationist Sociolinguistics (Weinreich, Labov, and Herzog, 2006), especially regarding the role of social evaluation in processes of linguistic change. The study is based on the hypothesis that a positive, or non-negative, evaluation of the use of *onde* as a relative pronoun may increase its frequency of use, favor its generalization, and, consequently, drive its functional expansion within the linguistic system. To test this hypothesis, an evaluation experiment was conducted with 46 participants, who judged sentences containing canonical and non-canonical uses of *onde*. The results indicate that speakers tend to assign positive evaluations to non-canonical uses of the connector, suggesting a weakening of normative control over these constructions. These findings reinforce the idea that speakers' favorable evaluation acts as a relevant factor in advancing the grammaticalization process of *onde*.

**KEYWORDS:** *onde*; linguistic evaluation; variationist sociolinguistics; Functionalism; grammaticalization.

## REFERÊNCIAS

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CAMPBELL-KIBLER, Kathryn. Sociolinguistics and perception. *Language and Linguistics Compass*, v. 4, n. 6, p. 377-389, 2010.

CORRÊA, Jéssica da Silva. *Por onde anda o onde?: um estudo sobre a polifuncionalidade do conector onde com dados de produção e percepção*, 2025. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

CUNHA, Angélica Furtado da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 157-174.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da. COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 21-45.

HOLMES, Janet; HAZEN, Kirk (ed.). *Research methods in sociolinguistics: a practical guide*. Malden: Wiley-Blackwell, 2014.

MELO, Marcelo Alexandre S. L.; CORRÊA, Jéssica da S. "Onde o onde vai parar?": um

estudo sobre o item onde a partir de dados do twitter. *Revista E-scrita*, v. 13, n. 2, p. 153-169, 2026. Disponível em: <https://revistasu-niabeu.com.br/index.php/revista-e-escrita/article/view/239> Acesso em 30/05/2026.

LABOV, William. *Principles of linguistic change: Internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, William. *Principles of linguistic change: Social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, William. *Principles of linguistic change: Cognitive and cultural factors*. Oxford: Blackwell, 2010.

LABOV, William. *The Social Stratification of English in New York City*. New York: Cambridge University Press, 2006.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, William; ASH, Sharon; RAVINDRANATH, Maya; WELDON, Tracey; BARANOWSKI, Maciej; NAGY, Naomi. Properties of the sociolinguistic monitor. *Journal of Sociolinguistics*, [S. l.], v. 15, n. 4, p. 431-463, 2011.

VOTRE, Sebastião. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLI-CA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luíza. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 51-57.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. Revisão técnica de Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.